

DESPORTO-REI, DE ROMEU CORREIA: O FUTEBOL E OS ESTRANGEIROS NO ESTADO NOVO PORTUGUÊS

Antony Cardoso Bezerra¹
Ricardo Sérgio Nascimento Rosas²

RESUMO: O romance **Desporto-Rei** (1955), do escritor português Romeu Correia, é obra de edição única e que figura a experiência do autor nos meios desportivos de seu país. Literato que dialogou com a estética neorrealista, Correia ficcionaliza, no livro, a semana que antecede o grande momento de um time de futebol de província: a decisão que lhe facultaria ascender à primeira categoria do Campeonato Nacional. Para além de contemplar uma problemática desportiva, o romancista também levanta questões de ordem social, política e econômica, na medida em que trabalha os usos do futebol como elemento de alienação do vulgo e a presença dos estrangeiros no contexto português. Após uma notícia biobibliográfica de Romeu Correia, em que se dialoga com sua parca fortuna crítica, investigam-se referenciais históricos para se compreender qual o papel do futebol no plano do Estado Novo português e como o regime lidou com a presença de estrangeiros no horizonte da Segunda Guerra Mundial e do que a sucede. Numa descida ao texto literário, deslindam-se, com o auxílio de instrumentais da Narratologia, os elementos estruturais e linguísticos que permitem a elaboração das personagens, entes que representam a tensão histórica figurada na fábula do romance.

PALAVRAS-CHAVE: Romeu Correia, futebol, Estado Novo, estrangeiros.

ABSTRACT: **Desporto-Rei** (1955), which had only one edition, is a novel by the Portuguese writer Romeu Correia. The narrative presents the author's experience with sports in his country. In the book, Correia, an author who is related to Neorealism, fictionalises the previous week of a key event to a minor football club: the match which could promote it to the first division of the National League. Besides focusing on sport matters, the novelist also deals with social, political and economic issues, for he demonstrates the uses of football to alienate people and the presence of foreigners in Portugal. In a first moment, a brief literary biography of the author is made, in connection to the few critics who studied him. Afterwards, historical references are employed to the understanding of the role played by football during the Portuguese New State; and of the way the regime faced the presence of foreigners in the World War II and in the subsequent period. The perusal of the literary text is based on references of Narratology and focuses on structural and linguistic elements employed in the elaboration of some characters, which are a representation of the historical tension figured in the fabula of the novel.

KEYWORDS: Romeu Correia, football, Portuguese New State, foreigners.

1. Introdução

Em que pese a sua atuação expressiva nos meios literários portugueses entre as décadas de 1940 e 1980, o prosador de ficção, biógrafo e dramaturgo Romeu Correia (n.

¹ Professor Associado 1 na Licenciatura em Letras da Universidade Federal Rural de Pernambuco. Líder do Grupo de Investigações em Filologia Ibérica.

² Licenciado em Letras pela Universidade Federal Rural de Pernambuco.

1917; f. 1996) raramente é alvo de investigações críticas. Autor com algum impacto entre os leitores quando vivo — romances seus foram reeditados; peças foram encenadas —, não integrou grupos de intelectuais e aliou as atividades literárias a outras, de que extraía o sustento. Para além do envolvimento com as práticas desportivas e a articulação a movimentos operários, foi como bancário que se sustentou e a sua família. Esse quadro pouco favorável à arte, no entanto, jamais foi capaz de tolher de Romeu Correia o desejo de produzir uma obra, para o que envidou esforços que ao mesmo tempo o dignificam e sustentam na História da Literatura Portuguesa. À guisa de ilustração, seu primeiro livro, *Sábado sem Sol* (1947), que reúne oito contos, foi custeado pelo próprio autor e teve os lucros de venda destinados a bibliotecas de Almada, terra natal do autor. Também aqui, um traço assinalado de sua produção se patenteia: a vinculação às coisas de sua terra e às contradições de uma sociedade que o autor percebia como excludente e desigual. Por meio de diversos gêneros, deu conta das problemáticas cruciais de seu mundo, muitas delas vivenciadas no horizonte imediato do autor.

De algum modo, essa sintonia com as demandas do povo acaba por o conduzir ao Neorrealismo Literário Português, movimento estético que teve prevalência no contexto português dos anos 1940 e 1950, espalhando-se por momentos posteriores. Não perdendo de vista essa condição — biográfico-conjuntural —, propõe-se a investigação do quarto romance de Romeu Correia, *Desporto-Rei* (1955), narrativa que considera um elemento polêmico dentro do horizonte do Estado Novo português: o futebol, sua acolhida pelo povo e a díade amadorismo—profissionalismo. O livro em apreço consiste em precisa figuração daquilo que mais parece reincidir na produção literária do autor, que são os constrangimentos sociais em face de um contexto hostil. Nele, mais especificamente, ganha corpo um fator de particular interesse por parte de Romeu Correia, que são as atividades desportivas. (Atleta em várias modalidades, também exerceu funções de treinador; inclusive, de própria esposa.)

Desporto-Rei, assim, trava uma íntima relação com o mundo em que foi escrito, fator que acaba por demandar, do analista, uma interface com essa esfera histórica, no sentido de mais bem se compreender tanto o projeto encampado pelo autor quanto a figuração por ele realizada. Noutros termos: a obra aqui é lida naquilo em que se relaciona à conjuntura histórica em que foi escrita e aos procedimentos narrativos empregados por Romeu Correia. A narrativa consiste na caracterização de um processo percebido por Correia, ocorrido em meados do século passado: a gradativa profissionalização do futebol português, em que pese às intervenções estatais no desenvolvimento do esporte. Acompanha-se uma fábula que dá conta da semana antecedente a uma partida decisiva, quando um pequeno clube irá jogar a partida de sua vida, que decidirá sua ida ou não à primeira divisão nacional. O quadro pintado traz personagens que representam diversas esferas: dos diretores capitalistas, que veem no clube uma possibilidade de fazer dinheiro, a comunidade de adeptos, bem como os integrantes da equipe de futebol propriamente dita. Esses eixos permitem levantar uma questão central do inquérito: a integração do estrangeiro ao futebol português, também fator de algum relevo no plano do Estado Novo.

Para desenvolver o estudo, optou-se por o fazer em etapas: uma, breve; a outra, mais extensa e multifacetada. Na seção 2, dada a realidade de pouco conhecimento acerca de Romeu Correia, procede-se a uma inserção histórica do autor, dando conta de aspectos de sua vida e de como lidou com a sua realidade imediata — Almada —, com Portugal à altura do Estado Novo e, num plano estético, com o Neorrealismo Literário Português. Neste momento, destacam-se elementos da escassa fortuna crítica de Romeu Correia, nomeadamente, Alexandre Castanheira (2009) e Alexandre M. Flores (1987). Também se caracterizam, em linhas gerais, algumas das obras narrativas do autor. A seção 3

contempla o romance *Desporto-Rei* propriamente dito. Nele, abordam-se o enredo da obra e os aspectos capitais que se decidiu investigar: a relação do Estado Novo com a prática desportiva e, particularmente, o futebol; o lugar dos estrangeiros no regime. Os dois fatores são analisados de modo a se promover uma conversação tripartite entre referenciais históricos, pontos de Narratologia e, essencialmente, comentários ao texto literário. No que ao plano da análise da narrativa diz respeito, recorre-se sobretudo à teorias de Mieke Bal (1998) e de Yves Reuter (1995); como fonte historiográfica, maiores contribuições são hauridas de Neill Lochery (2012) e de Ricardo Serrado (2009).

2. Perfil de Romeu Correia

Romeu Correia foi um escritor que, conforme atestado por meio de sua obra, alcançou um ponto que nem sempre se fez presente no Neorrealismo em Portugal: a figuração de uma realidade vivida, muitas vezes, em primeira pessoa. Ao falar sobre Romeu Correia, Alexandre Castanheira, um dos poucos analistas que se ocupam sistematicamente da obra do romancista, afirma:

Trata-se de um escritor que traz para os seus contos uma experiência vivida [...], que conhece perfeitamente o seu assunto, que não travou conhecimento de cima, como escritor, com o caderno de notas em seu punho, mas que o foi conhecendo dia a dia, até que ele se lhe impôs a ponto de o reduzir a escrito (CASTANHEIRA, 2009, p. 127-128.)

Segundo o crítico, o que fazia alguns aplaudirem ou diminuírem a obra do ficcionista era o fato de que um mero empregado bancário conseguisse se posicionar de maneira corajosa em uma corrente literária que não só não aceitava o regime e o governo ditatorial do Estado Novo, como figurava a vida real dos homens portugueses (CASTANHEIRA, 2009, p. 129). Diferentemente de alguns de seus contemporâneos — o caso mais notório é o de António Alves Redol, em sua vocação etnográfica, conforme a indicação acima realizada por Castanheira —, Correia não ia atrás dos motivos, pois eles faziam parte da sua vivência. Chamado de populista (MATEUS, 1972, p. 77) e até de mais contador de histórias do que de ficcionista — a exemplo do que fez o crítico literário João Gaspar Simões, após ler *Trapo Azul* (1948), primeiro romance de Correia (SIMÕES *apud* CASTANHEIRA, 2009, p. 127) —, o escritor almadense, em suas narrativas e peças de teatro, revela que a ligação com o povo ia além do ato de descrever a realidade. Conhecedor de diversas profissões, esteve sempre próximo ao homem comum e chegou mesmo a rechaçar a alcunha de neorrealista, pois temia que pensassem que ele imitava; ou, ao menos, que se inspirava servilmente em nomes já consagrados da nova corrente. Quanto ao populismo, combatia-o, pois julgava ter o valor de verdade humana da sua obra reduzido sob esta definição (CASTANHEIRA, 2009). A sua estrita ligação com o povo poderá ser vista em toda a sua carreira, ao transmitir uma visão da realidade sem precedentes, pois era o olhar de alguém que, acima de tudo, era conhecedor da intimidade trágica do povo, pois de lá saía.

Nascido em Almada, margem sul do Rio Tejo, levou sempre uma vida de homem simples. Sem assiduidade nos meios literários, consiste, hoje, num neorrealista quase esquecido. Foi contemporâneo de um quadro político em que, apesar do saneamento das contas públicas e de amplas reformas estruturais, não facultava às classes baixas muitas alternativas para sua subsistência; trata-se do Estado Novo (que perdurou de 1933 a 1974), momento histórico cujo regime é caracterizado na seção a seguir. Logo cedo,

Romeu Correia buscou refúgio no envolvimento com algumas práticas esportivas, de modo que chegou a representar o Sporting Club de Portugal em competições de atletismo.

Por quase toda a vida, o escritor de Almada seguiu ligado ao esporte. Essa ligação com a prática esportiva foi o que, de certo modo, fez com que, em seus escritos, não se limitasse ao que era mais usual dentro da Literatura de seu horizonte: a caracterização do trabalho camponês/proletário e a ênfase na coletividade, em detrimento dos desvãos individuais. Exemplo dessa amplificação temática de Correia está num romance como **Desporto-Rei**, em que trata, basicamente, de dias decisivos para um clube de futebol. Em outros livros, também contemplou personagens ligadas à prática esportiva, como o ciclista José Bento Pessoa e o futebolista Jorge Vieira; biografados, respectivamente, em **José Bento Pessoa** (1974) e em **Jorge Vieira e o Futebol do Seu Tempo** (1981). O gosto pela prática desportiva e por seu estudo, entretanto, muito longe esteve de desviar Correia do intento denunciador, buscando retratar as influências políticas e sociais no desenvolvimento do esporte.

Sua estreia na Literatura se deu por meio de um livro de contos, o já mencionado **Sábado sem Sol**, cujos lucros foram destinados às bibliotecas da Incrível e da Academia Almadense, dois clubes sociais da cidade natal do autor. Em reflexão própria sobre o livro, em prefácio à 2.ª ed., encontra-se o que pode ser considerado o motivo do projeto literário do Romeu Correia:

[...] testemunhar os problemas sociais, os conflitos de classe, os dramas humanos, revelando e condenando o mundo injusto e contraditório que nos rodeia e oprime, é a função primeira do contador de histórias. Foi o que fiz. Com alguma ficção, para não irritar os patrícios, distanciei-me dos primitivos modelos utilizados, concluindo o meu livro no ano seguinte. (CORREIA *apud* FLORES, 1987, p. 73-74.)

Pode-se dizer, a bem da verdade, que falhou no objetivo de não irritar os patrícios, conforme viria a confessar. Seu primeiro livro chegou a ser apreendido pela polícia política portuguesa e, posteriormente, o romance **Trapo Azul**, que tratava da vida das costureiras dos macacões de ganga azul, que vestiam os operários de Almada, foi rejeitado inclusive pelo povo, na voz das próprias costureiras, incomodadas por ter a própria exploração denunciada (CORREIA, 1978, p. 9-11).

Por mais que incomodasse a Romeu Correia a identificação ao Neorrealismo como movimento, pode-se identificar em sua obra o que o crítico Alexandre Pinheiro Torres diz acerca da estética em pauta (sobretudo, em seus momentos iniciais):

Nas suas obras [nas dos neorrealistas] vibra a força do protesto contra os desacertos dum mundo e se revela a coragem de humanamente conceber e aceitar um mundo mais ousado, pelo que se torna caberem só entre elas as que refletem esse protesto – caminho que se abre – ou as que se projetam nesse caminho concebido, onde já não darão lugar aos problemas da arte pela arte ou arte pela vida, pois que lá serão arte do mundo a que pertencem [...]. Estas obras, embora sejam acentuadamente sociais, não deixam também de conseguir também objetivo estético, porquanto o que nos autores foi querido pela inteligência existiu antes na sensibilidade poderia traduzir-se em emoção. (TORRES, 1983, p. 19.)

O movimento neorrealista, embora tivesse alguns embates quanto à relação da literatura com a arte (REIS, 1981), manteve desde o início uma postura de denúncia dos problemas humanos. Todas as concepções políticas que influenciavam a vida portuguesa,

no conturbado período do Estado Novo, foram o pontapé inicial para o movimento, que não deveria limitar-se apenas ao conteúdo e que, assim, ignorasse a forma. Neste sentido, Romeu Correia também deveria ter seu lugar ao sol no quadro neorrealista português, visto que, mesmo com o intuito de denunciar as explorações humanas, não deixou de lançar mão da figuração artística em seus escritos, sejam contos, romances ou peças de teatro.

A obra narrativa que produzirá nos anos subsequentes é variada e demonstra a aproximação tanto da realidade mais próxima, como o romance **Gandaia** (1952) — republicado com o título inicialmente ideado, **Os Tanoeiros** (1976, após a queda do Estado Novo) —, que trata dos fabricantes de tonéis residentes em Almada; quanto incursões por outras esferas, como em **Bonecos de Luz** (1961), romance de tom picaresco que consiste numa homenagem ao cinema e, mais particularmente, a Charlie Chaplin; e em **O Tritão** (1982), narrativa atravessada pelo fantástico que consiste numa homenagem ficcional a Cacilhas, terra tão cara ao escritor. Para além da vasta produção dramatúrgica e das incursões monográficas, é correto afirmar que Romeu Correia construiu uma obra de valor, merecedora de recuperação, seja por meio da leitura diletante, seja da atividade crítica.

3. Desporto-Rei: figuração de um processo histórico no romance

O romance **Desporto-Rei**, inegavelmente, reflete a forte ligação do autor com os esportes. Além disso, aponta para as suas preocupações com a sociedade portuguesa, pois, mesmo sendo um opositor ao regime ditatorial vigente, em algo Romeu Correia se aproximava de António de Oliveira Salazar, Presidente do Conselho e líder do regime: a prática esportiva deveria servir ao povo com a finalidade de alimentar o bom condicionamento físico-mental e o comportamento adequado perante a sociedade.

Na qualidade de bom observador, Correia percebeu um processo que estava ocorrendo em Portugal nas décadas de 1940 e 1950: a profissionalização do futebol. O temor era de que o esporte deixasse de ser evidenciado como uma atividade saudável e entrasse no caminho que o levaria a se tornar numa mercadoria, capaz de beneficiar as indústrias, servindo apenas como um instrumento de alienação para as massas. Segundo Alexandre M. Flores (1987, p. 63), em **Desporto-Rei**, Romeu Correia recria, por meio da diversidade psicológica das personagens — como se comportam perante os debates e como despertam as suas paixões —, um mundo ainda não explorado nos meios literários, que é o do ambiente futebolístico em Portugal. Correia, assim, parte da sua realidade e, no escopo da Literatura, figura quadros do que se passou em seu país entre o início do século passado e meados dos anos 1950. Nesse caso, a relação do futebol com a política e a perda de um carácter amador, deixando de lado o espírito de um esporte saudável e se convertendo num instrumento de ilusão.

Conforme entende o historiador Hayden White (2008), os relatos narrativos — ficcionais ou históricos — não consistem apenas em afirmações factuais (proposições existenciais singulares) e argumentos, mas também em elementos retóricos e poéticos pelos quais o que seria uma lista de eventos se converte numa construção histórica, priorize ou não a dimensão literária. Inserindo o escritor em estudo nessa condição, pode-se afirmar que Correia lançou mão de elementos retóricos e, quiçá, poéticos, para a construção da sua narrativa. Narrativa que, por sua vez, tem como chave o perfil das personagens e a sua elaboração, pois é através delas que se pode perceber por que meios decorrem as relações denunciadas pelo autor.

Na economia do romance, o processo sinalizado se transmuta pela voz do narrador. Conforme pontuação do narratólogo Gerald Prince: o narrador sempre tem uma certa atitude acerca dos eventos narrados, das personagens apresentadas *etc.*; independentemente de esse comportamento ser expresso ou velado (PRINCE, 1982, p. 44). Ou seja, o tangenciamento da narração está não apenas no nível autoral, mas, também, mostra-se no plano da ficção. Tal condição incide muito marcantemente na caracterização das personagens, as quais podem ser compreendidas por suas palavras (nos diálogos), suas ações ou sentimentos; e, com mais exatidão, pela função que desempenham na narrativa — também, essa, derivação do conjunto de fatores antecedentes (PRINCE, 1982, p. 72). É sob esse prisma que se pode acompanhar o curso das personagens do romance e, a partir mesmo de sua superficialidade/aprofundamento, mais bem entender o que representam na narrativa.

A fábula de **Desporto-Rei** se passa em Vila Clara, localidade fictícia em que um clube está às vésperas de disputar o acesso à primeira divisão do campeonato nacional: contempla-se a semana anterior à partida e o seu desenlace. Partindo do que Mieke Bal discute acerca do tempo na narrativa (BAL, 1998), percebe-se que, em **Desporto-Rei**, por se abordar, no fluxo principal da narrativa, um curto lapso de tempo, vem à tona um momento de crise: no caso, um processo em curso, a fim de se mostrarem as suas problemáticas mais evidentes.

Os dirigentes da agremiação não passam de comerciantes e pessoas influentes da localidade, que visam a utilizar o futebol como meio de autopromoção. Flores, em oportuna afirmação, caracteriza, em linhas gerais, o plano português que o romance aborda: enquanto que os desportos puros de amadorismo saudável — ginástica, atletismo, basquetebol *etc.* — são postos à margem, o futebol profissionalizado se transforma em doença regional e fonte de intrigas e disputas locais (FLORES, 1987, p. 63-64). Tal condição é exposta logo à abertura de **Desporto-Rei**:

Nos tempos que correm, uma progressiva vila da província não ter o *team* de honra de um clube a disputar o campeonato de futebol da 1.^a divisão — é motivo de pesar e até de certa contrariedade. [...] Não faz sentido. Boa posição no comércio, indústria florescente, e abundância de belezas naturais, que são o engodo dos turistas — impõe-se, por legítimo direito de conquista, que tenha um lugar, na próxima época, no campeonato principal. (CORREIA, 1955, p. 7.)

O espaço do concelho de Vila Clara é situado como propício para a mudança de patamar do clube e também do esporte: a saída da situação de atividade que não traz lucro financeiro, para se tornar num negócio frutífero ao comércio local. Assim, as personagens situadas nesse espaço, que é o seu ponto de percepção, ao observá-lo, reagem perante ele.

— Quem é você, Carvalho? — E respondeu pelo outro: — um industrial, dono da «Moagem Boa Nova»; enfim, um tipo de massa que nunca praticou desporto... E é o presidente da direção. — Apontou para o Joaquim Campino: — E você? Tem quatro talhos, salsicharias, etc. Tradições desportivas... nenhuma... E é o vice-presidente. — Coube a vez ao Valentim: — Aqui o nosso tesoureiro... Padarias, prédios, herdades.... Era ainda há dois anos um inimigo do futebol!... [...] — É ou não é verdade que meia dúzia de ricos se assenhoreou do clube desportivo? (CORREIA, 1955, p. 77.)

A narração em terceira pessoa se debruça sobre eventos historicamente inscritos por meio do filtro da ficção; ou seja, desenvolve-se numa medida em que o narrador se

converte num manipulador da função narrativa. Aliando a conjuntura histórica à fábula relatada no romance, percebe-se que a seleção dos eventos empregados para caracterizar as personagens que compunham a direção do clube se dá no eixo da denúncia, com o abandono do que se entendia por boas práticas do desporto saudável; em benefício, assim, da massificação do futebol, visando, apenas, ao retorno financeiro. Cada oração se inicia com um questionamento sobre a posição de cada um quanto ao desporto e cada qual, com a sua função deveras distante do meio futebolístico, já se revelava quanto aos seus interesses.

A profissionalização do futebol, no período histórico figurado no romance, era um processo em marcha, inevitável no espaço português. Porém, como se pode avaliar a partir da obra literária e de alguns elementos históricos, tal processo foi retardado deliberadamente. Chegou-se, assim, ao desvirtuamento do que se entendia como elemento constitutivo do verdadeiro espírito desportivo, na medida em que o esporte foi se desenvolvendo.

Romeu Correia foi crítico ácido do Estado Novo, regime político de feição totalitária, que, apesar de alguns avanços na área econômica e diplomática, não oferecia boas condições de vida às classes mais baixas da sociedade portuguesa e parecia sustentar um viés de apartamento do povo do núcleo decisório (por exemplo, no que diz respeito à massificação da educação (SANFEY, 2003, p. 410). Salazar, que, nos anos da ditadura militar (iniciada em 1926), era apenas Ministro das Finanças, após um período em que se dedicou a reformas no quadro econômico português, foi indicado a comandar o país, assumindo a função de Presidente do Conselho. Neill Lochery, ao compor o perfil de Salazar, afirma que, mesmo o governante obtendo sucesso em procedimentos econômicos, não fez com que vários trabalhadores da agricultura e da indústria se vissem como beneficiados (LOCHERY, 2012). O dizer de António Costa Pinto permite chegar-se a uma figura sintética de Salazar:

A imagem que Salazar cultivou foi a do ditador reservado, puritano e provinciano, marca que perdurou até à sua morte. [...] No entanto seria errado associar o provincianismo dos seus comportamentos com ausência de cultura política ou com um «espírito de caserna». Ditador «catedrático», Salazar acompanhava a política internacional e o movimento de ideias de perto. [...] Defendeu com intransigência a recusa liminar da democracia e da sua herança ideológica, baseado numa visão «organicista» da sociedade, de matriz tradicionalista e católica. Geriu o país consciente da inevitabilidade dessa modernização, mas pensando sempre na sobrevivência e no bem-estar do que estava ameaçado por ela. (PINTO, 2007, p. 29.)

Juntando-se a isso a sua impositiva maneira de expor as crenças políticas, parte da população se tornou oposição ao seu regime — quase sempre velada, dada a perseguição imposta pelo Estado Novo —, aliando-se, principalmente, a ideais comunistas, de viés soviético. Assim, ansiava-se (e muitos neorrealistas encamparam tal luta, como António Alves Redol e Soeiro Pereira Gomes) a substituição de uma ditadura de direita por uma de esquerda, nos moldes das que, gradativamente, implantaram-se no leste europeu.

Uma das características dos regimes ditatoriais é lançar mão de mecanismos para propagar os seus ideais. Seguindo essa lógica, com Salazar, não foi diferente. Em junho de 1940, por exemplo, inaugurou a Exposição do Mundo Português, que tinha, precisamente, o intuito de entreter a população durante o período crítico causado pela Segunda Guerra e enaltecer o papel histórico de Portugal no mundo. Teatro e cinema são

outros exemplos disso, como também os esportes, que influenciavam a consciência de uma cultura física e o amadorismo em geral.

Assim como se deu com boa parte dos países do Ocidente, o processo de inserção do futebol em terras lusas se deu entre as últimas décadas do século 19 e início do século passado, através de estudantes que haviam chegado da Inglaterra com uma bola, ávidos por mostrar o que tinham conhecido no Reino Unido. O que hoje se vê como uma grande manifestação cultural, por vezes tomando lugar de destaque e funcionando como a marca de um povo, nem sempre teve tal caráter; algo muito longe disso, em seu início.

Caminhando num sentido oposto ao emprego populista do futebol, Salazar pensava, em verdade, que essa modalidade se apresentava como um caminho propenso ao desvirtuamento da população. A exemplo da comédia, que ele repudiava no cinema, o futebol agia como um potencializador de certos comportamentos que não faziam parte dos ideais propagados pelo regime, como o vício e o desregramento. Por isso, trabalhou fortemente contra a profissionalização do futebol em terras portuguesas. Isso explica o porquê do tardio desenvolvimento do futebol em comparação com países que o fizeram antes, como, sobretudo, o Reino Unido.

Inicialmente adotado pela camada mais abastada da sociedade, o futebol perde essa característica em Portugal pelo fato de que poucos recursos são necessários para a sua prática. A partir dessa consciência, começa a sua expansão. Mas, nos ideais do Estado Novo, qualquer desporto só deveria ser difundido se, em seu bojo, fossem valorizados e desenvolvidos aspectos que estivessem relacionados a aprimorar saúde, beleza, força, destreza, resistência, disciplina *etc.* A competitividade era outro fator avesso aos intentos de Salazar, pois capaz de gerar tensões e discórdia. Em face disso, o profissionalismo surgiria para corromper o espírito e a funcionalidade original do desporto.

No ano de 1942, o Estado Novo oficializou a proibição da prática profissional do futebol. A essa altura, conforme outros regimes ditatoriais, o Salazarismo previa a atividade esportiva como motivo de doutrinação e educação para o serviço militar, a fim de defender a raça lusitana utilizando suas habilidades físicas e mentais. É nesse contexto que está, por exemplo, a Mocidade Portuguesa. Com isso, por mais que houvesse jogadores que já recebessem alguma quantia mais avultada, as condições para um bom desenvolvimento do futebol seguiam precárias. Isso resultava em, no mínimo, jogadores que precisavam dividir a sua vida entre os treinos e jogos e qualquer outra profissão fora dos gramados. Consequentemente, o esporte não possuía um bom rendimento físico, técnico, tático e mental, em comparação com qualquer país que já houvesse posto em prática a profissionalização efetiva.

Porém, conforme observa Ricardo Serrado, historiador-chave na revelação das relações entre Salazar e o futebol, o que vem após esse momento é de crucial importância para o desenvolvimento do esporte português. Na década de 1950, dá-se o pontapé inicial para a revolução no mundo da bola no país ibérico: são os anos da profissionalização que há muito se esperavam, da construção de grandes estádios, das mudanças táticas mais competitivas, bebendo das fontes dos países europeus já desenvolvidos no esporte (SERRADO, 2009). Daí, nasceram os anos dourados do futebol português, que seria a década de 1960. Esse horizonte histórico é apontado por Romeu Correia em **DesportoRei**.

Quando da intervenção do País na Grande Guerra, o gosto pela prática do futebol afrouxou, chegando mesmo quase mesmo a dissipar-se; mas, após o Armistício, o entusiasmo ressurgiu como nunca. E assistiu-se a um incremento espantoso da modalidade. Fundaram-se clubecos por todo o concelho e organizaram-se torneios, em jornadas semanais, de assanhada rivalidade.

(CORREIA, 1955, p. 86.)

O tratamento oferecido pelo romancista sinaliza que, por mais que houvesse investidas contrárias por parte do governo, as quais ocorreram por um período considerável, mostraram-se insuficientes para evitar o avanço do futebol, mesmo com a sua «assanhada rivalidade», que contradizia os planos de Salazar. Pela ausência de necessidade de grandes aparatos para a sua prática, a semente do futebol, já plantada, apenas esperava o tempo necessário para a sua proliferação.

Na interpretação realizada por Serrado, efetivamente, não há nenhum indício de que Salazar tenha utilizado, apoiado ou estimulado o futebol, mas se pode concluir que, no que a esse esporte diz respeito, “condenou-o moralmente, afastou-se dele, atrasou-o. E fê-lo pela simples razão de que desporto e espetáculo eram conceitos e ideologias incompatíveis no Estado Novo.” (SERRADO, 2009, p. 81.) Nesse sentido, o historiador aponta para um caminho diverso do que o senso comum parece pensar.

O que aconteceu, de fato, foi que a política de Salazar, além de excluir o futebol de seus ideais de desporto, também inibiu o seu crescimento, que estaria no intercâmbio sistemático com outras fontes. Outra raiz de tal está na maneira como Portugal lidava com os estrangeiros. Em 1939, Salazar lançou a Circular 14, que impunha critérios muito rígidos para permitir a entrada de imigrantes no país. Tratava-se de mais um procedimento de proteção, mediante as ameaças da Segunda Grande Guerra. O Estado Novo viveu dias difíceis durante um período crítico, não só para Portugal, como também para o resto do mundo. A situação colocou em xeque a política salazarista de não se envolver no conflito, buscando sempre a neutralidade, o que, se foi possível em alguns termos, não impediu que os ecos da guerra chegassem ao país. Por conta de sua posição geográfica, facilidade de navegação para as Américas, entre outras questões, Portugal foi eleito como destino para imigrantes que buscavam se refugiar dos centros de ações bélicas. Assim, a presença de muitos estrangeiros pôde ser sentida no país, o que não agradava o ditador, visto que havia enrijecido fortemente os critérios de entrada, por meio da já mencionada circular, que impunha critérios religiosos e raciais para aceitação em Portugal. Não se tratava de um ato essencialmente motivado por preconceito; consistia, mais efetivamente, numa medida que buscava blindar Portugal contra as implicações da guerra.

Tais políticas, entretanto, não foram suficientes para evitar o trânsito de estrangeiros. Consoante Lochery (2012, p. 54), “Lisboa era o gargalo da Europa, a última porteira aberta de um campo de concentração que se estendia sobre a maior parte do continente [...] de fato, cobria todo o alfabeto, desde austríacos monarquistas até sionistas judeus”. Mesmo o retardo na profissionalização, portanto, não fez com que o futebol português deixasse de recorrer aos estrangeiros em busca de qualidade técnica e física, cujos países, havia bastante tempo, profissionalizaram o esporte. Em **Desporto-Rei**, Romeu Correia mostra, por meio de personagens estrangeiras (um técnico judeu-austríaco e dois jogadores argentinos, que ganhavam como profissionais), e da estrela jovem do time, a personagem Amílcar, (por ser local, ganhava menos e sentia um certo despeito) uma ilustração do quadro de tensões em que então se encontrava o futebol português. Enquanto que judeus e outros perseguidos pelos nazistas viam Portugal como a única salvação, sul-americanos e africanos enxergavam, no plano do futebol, o país ibérico como uma boa oportunidade de vicejar, haja vista a baixa qualidade do jogo ali praticado. Esse quadro é sinalizado no romance de Correia, por exemplo, com os atletas argentinos.

Jogadores de «reserva» em Buenos Aires, empreenderam uma aventureira incursão à velha Europa, por no Sul das Américas correr fama de no velho continente se jogar mau futebol. Assim, os dois rapazes, sem cotação

desportiva no seu país, tentaram o que tantos futebolistas sul-americanos empreendiam todos os anos, tocados pelo espírito de negócio e aventura. (CORREIA, 1955, p. 33.)

Se se considerar a caracterização de perspectivas narrativas problematizada pelo narratólogo francês Yves Reuter, os jogadores estrangeiros — a dupla de platenses — seriam abordados por meio de uma “focalização externa” ou uma “visão de fora” (REUTER, 1995, p. 74.). No trecho, o próprio narrador lança mão de adjetivos que desqualificam os atletas, ao ressaltar que não passavam de “jogadores de reserva” em seu país, o que indica um caráter de interesse financeiro em sua ida a Portugal para praticar o futebol: foram “tocados pelo espírito de negócio e aventura”. Mesmo no decorrer do romance, quase nada se saberá do que vai em seu íntimo, correspondendo a personagens de pouca profundidade. O fato de os argentinos, em seu próprio país, estarem num segundo escalão denota, também, o atraso então vivido no futebol português — de figurantes, passam a protagonistas.

Em seu estudo sobre a personagem do romance, Antonio Candido (2005, p. 56) observa que as informações que conhecemos de um ser (real ou ficcional) têm, sempre, o estatuto de incompletas; é o que ele chama de conhecimento fragmentário. Quando um romancista aborda personagens por tal procedimento, nada mais faz do que retomar a insatisfação que temos na vida acerca do conhecimento dos nossos semelhantes; mas tal insatisfação é imanente à própria experiência de vida. Quando essa seleção é feita num romance, deve-se ter em conta que se operou de maneira racional, delimitando e encerrando o que deve ser conhecido pelo outro. Assim sendo, aponta-se, de certo modo, para a visão de mundo do autor. E é, precisamente, o que sucede quanto a **Desporto-Rei**, em que a revelação e a ocultação de informações sobre os jogadores acabam por talhar-lhes um perfil e as implicações derivadas de tal (de se denunciar tal ou qual condição no meio social).

Diferentemente do que sucede com os argentinos, a caracterização do treinador do Vila Clara, *Mister*³ Reiner, se faz com alguns indícios de aprofundamento, com algo que se aproxima de uma «focalização interna», se se considerar a teorização de Reuter (1995, p. 74). O técnico do Vila Clara Futebol Clube é austríaco, de ascendência judaica, e, ao avaliar o elenco na semana da partida decisiva, quando se saberia se o clube iria ou não para a primeira divisão, reconhece que, de fato, os jogadores locais não possuem a qualidade devida, colocando sua esperança nos argentinos, antes descritos como aventureiros e jogadores de reserva, e em Amílcar, a estrela portuguesa, que foge à regra de mediocridade: o jovem local que era considerado por todos como o melhor jogador do time. A exposição daquilo que pensa o diretor técnico lhe confere maior profundidade e, por isso, possibilidades.

Sabia que estava perante uma fraca matéria-prima, um onze mesclado de veteranos e novatos, tudo posto a funcionar num golpe aventureiro da nova gerência. Salvo o extraordinário rapazito loiro, que alinhava a avança do centro, e a asa esquerda, composta pelos dois argentinos, os restantes eram «umas coisas reles e usadas que para ali andavam a governar a vida». (CORREIA, 1955, p. 17.)

³ *Mister* é a forma de tratamento dada a treinadores de futebol em Portugal — até hoje. Com a entrada de jogadores que, naturalmente, vinham de fora do país para jogar futebol, alguns termos estrangeiros eram adicionados ao vocabulário.

Conforme aponta Serrado (2009), era necessária a recorrência não só a jogadores, mas também a técnicos, pois, por conta do retardo na profissionalização do futebol português, a qualidade técnica em território luso era escassa. Na caracterização da personagem Amílcar, conforme o trecho, é pretensamente defendida a causa dos jogadores locais. Ao julgarem que os estrangeiros possuíam uma técnica mais apurada e avançada, visto que, em seus respectivos países, o futebol já havia sido profissionalizado, os dirigentes pagavam aos portugueses um salário menor, mesmo que alcançassem um maior destaque.

Estou farto de fazer fretes! Sou meio *team*, esfolo-me durante hora e meia, meto as bolas... Há um ano para cá até chamam ao clube o *Amílcar Futebol Clube* – e, no fim do mês, ganho uma miséria! Sim, a porcaria dum conto e quinhentos! E, mais enfurecido, diria: — Quanto pagam às pilecas dos argentinos? Quanto ganha a carroça do lixo do Justo? Qual é o ordenado desse preto que foi recebido na vila como um rei? (CORREIA, 1955, p. 24.)

Em sua própria voz, na remissão feita pelo narrador, o artilheiro e ídolo da torcida, Amílcar, manifesta a sua contrariedade quanto ao *status* que lhe cabe no time: é o jogador mais importante, mas um dos que recebem o salário mais baixo. O jovem vem a chamar a atenção de um clube maior, que oferece ao seu clube de origem, o Vila Clara, proposta tentadora; a Amílcar, um salário muito maior. Mas não há interesse em vendê-lo. A informação chega aos ouvidos da mãe do atleta, ela que, pouco tempo depois, faz com que o avançado fique ciente de quanto merece receber, em intrigas familiares.

Em Portugal, as transferências de jogadores, mesmo que timidamente, começaram na década de 1940. Tal prática, no romance, aparece já como consolidada. No trecho que segue, bem mais adiantado na narrativa, a revolta do atacante é descrita internamente, por ele mesmo e por sua mãe, Balbina, revelando-se o grau de insatisfação pelas injustiças do preconceito quanto à qualidade (decorrência de nacionalidade), pois tinha consciência de receber menos que os estrangeiros. A mãe procura o jovem e o diálogo se entabula:

— Eu já descobri quanto ganham os argentinos... Maravilhado pela revelação, o ruço sorriu, ansioso: — Quanto? Diga, mãe! E a velha Balbina deu uma nova tonalidade a voz: — Seis... Seis continhos cada um!... – Palpite! – Fez o avançado-centro, pasmado. – Cambada! Eu fuço, meto golos, chamam à linha o Amílcar Futebol Clube e... – Recebes um conto e quinhentos por mês! – Concluiu ela, radiante pela sua proeza. (CORREIA, 1955, p. 138.)

Em passagem muito anterior no curso narrativo, revelam-se motivações adicionais para que Balbina se indignasse tão profundamente pela situação do filho. Na vida da mulher, figura-se um pouco da própria História do futebol português, em quadro que ela não quer ver repetir-se:

O seu rancor ao Vila Clara e às sucessivas gerências vinha-lhe do tempo do marido. Chico Pechincha, o futebolista célebre, que todos recordavam com saudade, não passara de um péssimo chefe de família. Ingênuo e desinteressado até ao sacrifício, arriscara a saúde e o governo do lar numa época em que havia mais gente para jogar futebol do que para assistir... (CORREIA, 1955, p. 46.)

Não deseja ver, no filho, a exploração de que fora vítima o marido, em geração anterior. Com todos os contratemplos contra que o desenvolvimento do futebol português

teve de lidar, ainda assim, marcou sua importância em território lusitano; no caso do romance, com a produção de um jogador destaque. O estudo de Ana Bela Nunes e Nuno Valério (1996) revela que, de fato, houve clubes fundados durante o período de institucionalização do futebol português, que é o cenário apontado por Correia no livro. Porém a ampla maioria das entidades foi criada entre o final do século 19 e o início do 20. Serrado aponta que, no período de proliferação do futebol, eram pouquíssimos os jogadores que podiam se manter e, assim sustentar suas famílias por meio do esporte. A situação piora com a determinação oficial do amadorismo do futebol no país luso. Diante disso,

[...] no quadro da mentalidade desportiva portuguesa, os futebolistas tinham de, simultaneamente, jogar futebol e de ter seu emprego (que era o que lhes dava segurança e sustento), o que fazia da prática da modalidade, mesmo sendo em alguns (poucos) casos bem paga, uma coisa a *part-time*. (SERRADO, 2009, p. 46-47.)

Assim, não só Amílcar representa um mundo em que, mesmo com toda a precariedade do desporto, já havia quem se dedicasse integralmente à sua prática, conforme foi o caso do pai do jovem atacante, que, por militar exclusivamente no futebol, converteu-se em mau marido, já que não teve como sustentar devidamente a família. Numa narrativa, percebe-se que uma crise não é composta apenas pelo resumo ou descrição de atos destacados, mas também pelas memórias; não se limitando ao passado, pode legar referências também ao futuro (BAL, 1998, p. 48). Diante disso, observa-se que as importantes tensões do romance convergem neste sentido: as memórias de um passado ruim vivido pelas personagens influenciam as suas ações presentes (conforme já visto) e as suas projeções de futuro (o que se vê adiante).

Ainda quanto às incertezas da vida futebolística e o seu sustento, Correia, com seu filtro ficcional, constrói a personagem Guilherme, um dos jovens jogadores do Vila Clara, que possui um diferencial: estava prestes a ter um curso superior.

Guilherme removeu a má criação do companheiro, e pensou que o futuro de Amílcar talvez estivesse à vista, ali, naquela sala, em dois exemplos... Há uma dezena de anos não tinham sido Justo e Belarmino dois magníficos futebolistas, insubstituíveis na turma representativa do País? Justo, o defensor central que defrontara a Espanha, a França, a Itália, a Irlanda... Belarmino, um meia-direita possuidor de um fôlego de gato, tão precioso no ataque como na defesa. «Fui o melhor jogador em campo contra a Alemanha» – era, agora, o seu título de orgulho, que repetira com frequência, em altos gritos, quando se embriagava nos tascos de Vila Clara. Ambos alinharam pelo maiores clubes e, agora, governavam a vida, ali, naquele clubeco da província. Mas abundavam os exemplos de grandes jogadores que, sem outra profissão que não fosse a do futebol, à qual deviam tudo, haviam entrado na decadência e desciam hoje para a 2.^a Divisão, amanhã para a 3.^a... (CORREIA, 1955, p. 26-27.)

A narração, lançando mão do recurso da onisciência, adentra os pensamentos do futebolista que, além de se mostrar preocupado com o futuro do companheiro, percebe a insatisfação vivida por quem se dedicara por toda a vida ao futebol, não recebendo no futuro a recompensa esperada, a exemplo do Justo, que “[f]ora alguém, e, agora, lutava para viver com decência.” (CORREIA, 1955, p. 20.)

Outro que busca reencontrar horizontes abertos é o vivido *Mister Reiner*, representação do que se pode chamar de um peregrino ou exilado, que desembocou numa

crise de refugiados. No plano histórico, tal leva pode ser creditada, em grande parte, ao cônsul de Portugal em Bordeaux, Aristides de Sousa Mendes (MILGRAM, 2010). O cônsul, ao se compadecer da caótica situação dos judeus e também de não judeus, à beira de se enviarem a um campo de concentração, devido ao avanço de tropas nazistas na França, resolveu desconsiderar os critérios impostos por Salazar e pelo Ministério das Relações Exteriores em relação a quem poderia entrar ou não em Portugal, que pretendia barrar a entrada de judeus, por medo de retaliações nazistas. Algumas estimativas chegam a apontar que Aristides de Sousa Mendes, compelido por seu sentimento humanitário, tenha concedido cerca de trinta mil vistos, o que causou revolta em Salazar, que, após isso, destituiu o cônsul do cargo (AFONSO, 2011). Nesse sentido, a narração do fragmento a seguir, ao focalizar o passado do austríaco Reiner, utiliza-o para apontar a situação de insegurança dos estrangeiros judeus em terras lusas, à altura do conflito.

Trata-se de uma memória que, mesmo anos depois, não se apaga:

Mister Reiner acabara nesse instante de escrever uma carta para Viena, em que relatava seus vagos planos quanto ao futuro... Antigo extrema-direito do famoso agrupamento do First de Viena, Jacob Reiner alinhara vinte vezes pela equipa nacional austríaca, antes da anexação hitleriana. Depois, fora o exílio, com o espírito torturado pelas novas que chegavam de entes queridos desaparecidos misteriosamente... (CORREIA, 1955, p. 18.)

Diferentemente do que se passa com a dupla de atletas argentinos, confere-se um quê de aprofundamento ao treinador, sobretudo pela visita do seu passado — vítima da perseguição aos judeus no contexto da Áustria sob o jugo da Alemanha nazista e sendo obrigado a abandonar os familiares. Mesmo sendo possuidor de qualidades que eram características dos profissionais estrangeiros (e, por isso, alvo dos interesses dos dirigentes), o austríaco não quis firmar um compromisso longo com o clube. Com isso, a eleição dos momentos de diálogos e descrições feitas pelo narrador, que o caracterizam, fornece a chave desta personagem de **Desporto-Rei**, construída sob a imagem da insegurança.

O presidente do conselho técnico, um tal Procópio Cabral, com quem entabulara negociações num hotel lisboeta, propusera-lhe um contrato por dois anos, mas o austríaco não se comprometera por tão longo período e o acordo ficara limitado a seis meses, pois ele não sabia ainda o rumo a tomar nesta velha e dividida Europa. (CORREIA, 1955, p. 19.)

Apesar de ameaças alemãs, Salazar não impôs nenhuma medida severa contra os judeus que entraram no país; ficcionalmente, Reiner permaneceu em solo português. Quando alguns deles não conseguiam partir, o líder do regime fez com que fossem levados a áreas turísticas que, por não serem muito procuradas, tinham espaço suficiente para abrigá-los e não eram maltratados. Mas o país não podia fazer nada além, visto que não recebia ajuda de fora. Assim, pode-se concluir que os atos de Salazar mediante os judeus eram mais por questões econômicas do que por antissemitismo por parte do ditador. Em linhas gerais, Portugal não tinha dinheiro para si mesmo e precisava se proteger. As políticas protecionistas de Salazar, quer sejam em torno da Segunda Guerra, quer sejam dos seus ideais de desporto e civilidade, acabaram por influenciar no desenvolvimento do futebol como esporte profissional.

No epílogo da narrativa, o Vila Clara não logra o seu objetivo de chegar à primeira divisão. Com isso, todos os planos são desfeitos, trazendo à tona uma já velha discussão: o abandono dos esportes amadores em troca do futebol profissional. Antes da perda do

acesso, a antiga direção do clube, que planejava voltar ao comando, já tinha bem claros os seus objetivos: a reabertura das aulas de ginástica para as crianças e adultos de ambos os sexos; a reorganização das seções de basquetebol e atletismo e, ainda, o maior empreendimento de sempre: a construção da piscina (CORREIA, 1955, p. 170). Quando reassumem o poder, volta à carga a antiga filosofia, materializada na construção da piscina, não na manutenção de uma equipe profissional de futebol (CORREIA, 1955, p. 315). Junto ao romance, termina o sonho de se ter uma equipe na primeira divisão nacional.

4. Nota Final

Aliando os dois fatores de desenvolvimento do romance — a ficção e o fundamento histórico —, é possível entender a condição de Desporto-Rei como fonte de conhecimento em relação ao mundo português durante o Estado Novo e sua relação com o esporte (mais especificamente, o futebol) e com os estrangeiros que habitavam no país. Essa ancoragem não deixa, muito pelo contrário, de patentear a visão de mundo do escritor, como homem do povo e desportista, que, a partir do seu campo de visão, compôs uma narrativa denunciadora de um quadro social e humano (articulada, assim, ao Neorrealismo). No plano ficcional, depara-se com personagens que são retratos de uma reação ao que o espaço oferece – a gerência do clube que vê a profissionalização como um momento propício para gerar mais dinheiro; os estrangeiros, que veem com bons olhos a maneira como eram tratados financeiramente pelo clube; e o jovem Amílcar, com sua indignação por receber um menor salário.

Em Desporto-Rei, Romeu Correia, não fugindo ao que se propôs ao ingressar nos meios literários, manteve a sua visão denunciadora, apontando para os processos que, além de observar, vivia na pele. O romance, entretanto, longe de se converter em obra panfletária ou em que a arte cede primazia ao documento, mostra-se capaz de figurar as tensões de um tempo por meio de personagens ricas em sua construção e em suas implicações. Demonstra, assim, como as vidas individuais dialogam profundamente com a conjuntura de que fazem parte, sem que, por isso, tenham de perder as suas marcas particulares.

Referências

AFONSO, R. **Um Homem Bom**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2011.

BAL, M. **Teoría de la Narrativa**: una introducción a la Narratología. Barcelona: Cátedra, 1998.

CANDIDO, A. A Personagem do Romance. In: _____ *et al.* **A Personagem de Ficção**. S. Paulo: Perspectiva, 2005. p. 51-80.

CASTANHEIRA, A. **Romeu Correia, um Neorrealista Esquecido**. Nova Síntese, Lisboa, n. 4, p. 127-136, 2009.

CORREIA, R. Explicação de «Trapo Azul». In: _____. **Trapo Azul**. 3. ed. Odivelas:

Maria da Fonte, 1978. p. 7-11.

_____. **Desporto-Rei**. Lisboa: Clássica, 1955.

_____. **Sábado sem Sol**. Lisboa: Ed. do Autor, 1947.

FLORES, A. M. **Romeu Correia**: o homem e o escritor. Almada: Câmara Municipal de Almada, 1987.

LOCHERY, N. **Lisboa 1939-1945**: guerra nas sombras. Rio de Janeiro: Rocco, 2012.

MATEUS, J. A. O. **Romeu Correia**: Roberta. Colóquio/Letras, Lisboa, n. 10, p. 77-78, nov. 1972.

MILGRAM, A. **Portugal, Salazar e os Judeus**. Lisboa: Gradiva, 2010.

NUNES, A. B.; VALÉRIO, N. **Contribuição para a História do Futebol em Portugal**. Lisboa: Gabinete de História Económica e Social, 1996.

PINTO, A. C. O Estado Novo Português e a Vaga Autoritária dos Anos 1930 do Século XX. In: MARTINHO, F. C. P.; _____. (Orgs.). **O Corporativismo em Português**: Estado, política e sociedade no Salazarismo e no Vargasismo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. p. 17-43.

PRINCE, G. **Narratology: the form and functioning of narrative**. Berlin: Mouton,

1982. REIS, C. (Sel.). **Textos Teóricos do Neorrealismo Português**. Lisboa: Seara Nova, 1981.

REUTER, Y. **Introdução à Análise do Romance**. S. Paulo: Martins Fontes, 1995.

SANFEY, M. **On Salazar and Salazarism**. An Irish Quarterly Review, Dublin, v. 92, n. 368, p. 405-411, Winter 2003.

SERRADO, R. **O Jogo de Salazar**: a política e o futebol no Estado Novo. Alfragide: Casa das Letras, 2009.

TORRES, A. P. **O Movimento Neorrealista em Portugal na Sua Primeira Fase**. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1983.

WHITE, H. Enredo e Verdade na Escrita da História. In: MALERBA, J. *et al.* (Orgs.) **A História Escrita**: teoria e história da historiografia. S. Paulo: Contexto, 2008. p. 191-210.